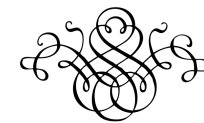


JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

# *A Moreninha*

*Texto confrontado  
com a 1.<sup>a</sup> edição, de 1844.*



COLEÇÃO  
*Folhetim em Grande Estilo*

  
MADAMU

*Editores*

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

*Revisão*

Equipe Madamu

*Projeto Gráfico*

KOPR Comunicação, a partir de imagem de Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.

*Impresso no Brasil.*

*Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.*

*Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu*

*Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP*

*CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497*

*www.madamu.com.br*

*E-mail: leitor@madamu.com.br*

M121a Macedo, Joaquim Manuel de (1820-1882).  
A Moreninha / Joaquim Manuel de Macedo. 1ª. ed.. Coleção Folhetim em Grande Estilo. São Paulo: Editora Madamu, 2023.

236p., 16 x 23cm  
ISBN 978-65-86224-37-5

1. Romance brasileiro. I. Título

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance brasileiro. I. Título.

*Eis aí vão* algumas páginas escritas, às quais me atrevi dar o nome de — *Romance*. — Não foi ele movido por nenhuma dessas três poderosas inspirações que tantas vezes soem aparar as penas dos autores: glória — amor —, e interesse. Deste último estou eu bem a coberto com meus vinte e três anos de idade, que não é na juventude que pode ele dirigir o homem; a glória, só se andasse ela caída de suas alturas, rojando de asas quebradas, me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhá-la. A respeito do amor não falemos, pois se me estivesse o buliçoso a fazer cócegas no coração, bem sabia eu que mais proveitoso me seria gastar meia dúzia de semanas aprendendo numa sala de dança, do que velar trinta noites garatujando o que por aí vai. Este pequeno romance deve sua existência somente aos dias de desenfado, e folga, que passei no belo Itaboraí, durante as férias do ano passado. Longe do bulício da Corte, e quase em ócio, a minha imaginação assentou lá consigo que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado delas saiu — *a Moreninha*.

Dir-me-ão que o ser a minha imaginação traquinas não é um motivo plausível para vir eu maçar a paciência dos leitores com uma composição balda de merecimento, e cheia de irregularidades e defeitos; mas o que querem?... quem escreve olha a sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe que o pai acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem dito concluir-se-á que a *Moreninha* é minha filha, e exatamente assim penso eu. Pode ser que me acusem por não tê-la conservado debaixo de minhas vistas por mais tempo, para corrigir suas imperfeições, e mostrá-la depois digna do amor dos leitores; esse era meu primeiro intento. A *Moreninha* não é a única filha que posuo: tem três irmãos, que pretendo educar com esmero; o mesmo faria a ela, porém esta menina saiu tão travessa, tão impertinente, que não pude mais sofrê-la no seu berço de carteira, e para ver-me livre dela venho depositá-la nas mãos do público, de cuja benignidade e paciência tenho ouvido grandes elogios.

Eu, pois, conto que, não esquecendo a fama antiga, o público a receba e lhe perdoe seus senões, maus modos e leviandades. É uma criança que terá, quando muito, seis meses de idade; merece a compaixão que por ela imploro. Mas, se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenham da ignorância do pai, rogo que não os deixem passar por alto: acusem-nos, que daí tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãozinhos que a *Moreninha* tem cá.

E tu, filha minha, vai com a benção paterna, e queira o Céu que ditosa sejas: nem por seres traquinas te estimo menos; e como prova vou em despedida dar-te um precioso conselho; recebe, filha, com gratidão a crítica do homem instruído; não chores, se com a unha marcarem o lugar em que tiveres mais notável senão; e quando te disserem que por este erro ou aquela falta não és boa menina, jamais te arrepies; antes agradece, e anima-te sempre com as palavras do velho poeta:

*“Deixa-te repreender, de quem bem te ama,  
Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.”*

**Aposta imprudente.**

— *Bravo!* exclamou Felipe entrando, e despindo a casaca que pendurou em um cabide velho; bravo!... interessante cena!... mas certo que desonrosa fora para casa de um estudante de medicina, e já do sexto ano, a não valer-lhe o adágio antigo: —“o hábito não faz o monge”.

— Temos discurso!... atenção!... ordem!... gritaram a um tempo três vozes.

— Coisa célebre! acrescentou Leopoldo. Felipe sempre se torna orador depois do jantar.

— E dá-lhe para fazer epigramas, disse Fabrício.

— Naturalmente, acudiu Leopoldo, que por dono da casa maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente, Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os médicos.

— *C'est trop fort!* bocejou Augusto espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quiserem, continuou Felipe, pondo-se em hábitos menores; mas por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabrício, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplo-

mática, vestido com esmero e alinhado; porém tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça do Leopoldo; este, ali escondido dentro do seu robe de chambre cor de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada que, para não cair com ela, põe em ação todas as leis de equilíbrio que estudou em Pouillet; acolá, enfim, o meu romântico Augusto em ceroulas com as fraldas à mostra, estirado em um canapé em tão bom uso que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage<sup>1</sup>. Oh!... VV. SS<sup>as</sup>. tomam café?!... Ali o Senhor descansa a xícara azul em um pires de porcelana... aquele tem uma chávena com belos labores dourados, mas o pires é cor-de-rosa... aquele outro nem porcelana, nem labores, nem cor azul ou de rosa, nem xícara... nem pires... aquilo é uma tigela num prato.

— Carraspana!... carraspana!... gritaram os três.

— Ó moleque! prosseguiu Felipe, voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no púcaro em que o coas; pois creio, que a não ser a falta de louças já teu senhor me teria oferecido.

— Carraspana!... carraspana!...

— Sim, continuou ele, eu vejo que vocês...

---

1. Alude ao tão conhecido epigrama de Bocage:

“Quando a velha antiguidade  
Por estas casas entrou  
Disse àquele canapé:  
— Sua benção, meu avô”

— Carraspana!... carraspana!...

— Não sei de nós, quem mostra...

— Carraspana!... carraspana!...

Seguiram-se alguns momentos de silêncio; ficaram os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogam o siso: Felipe não falava, por conhecer o propósito em que estavam os três de lhe não deixar concluir uma só proposição; e estes, porque esperavam vê-lo abrir a boca para gritar-lhe: “carraspana!”

Enfim foi ainda Felipe o primeiro que falou, exclamando de repente:

— Paz! paz!...

— Ah! já?... disse Leopoldo, que era o mais influído.

— Felipe é como o galego, disse um outro, perderia tudo para não guardar silêncio uma hora.

— Está bem: o passado, passado. Protesto não falar mais nunca na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça do Leopoldo... estão no caso... sim...

— Hein?... olha a carraspana.

— Basta! Vamos a negócio mais sério: onde vão vocês passar o dia de S. Ana?

— Por quê?... temos patuscada?... acudiu Leopoldo.

— Minha avó chama-se Ana.

— Ergo?...

— Estou habilitado para convidá-los a vir passar a véspera e dia de S. Ana conosco na ilha de...

— Eu vou, disse prontamente Leopoldo.

— E dois, acudiu Fabrício.  
Augusto só guardou silêncio.  
— E tu, Augusto?... perguntou Felipe.  
— Eu?... eu não conheço tua avó.  
— Ora, sou seu criado; também eu não a conheço, disse Fabrício.  
— Nem eu, acrescentou Leopoldo.  
— Não conhecem a avó; mas conhecem o neto, disse Felipe.  
— E demais, tornou Fabrício, palavra de honra que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.  
— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.  
— Sim?... que idade tem?  
— Sessenta anos.  
— Está fresquinha ainda... ora... se um de nós a enfeitiça, e se faz avô de Felipe!...  
— E ela, que possui talvez seus duzentos mil cruzados, não é assim, Felipe?... olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer casar comigo, disse Fabrício, juro que mais depressa diria o meu “recebo a vós” aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas “toma-larguras” da moda.  
— Por quem são!... deixem minha rica avó e tratemos da patuscada: então tu vais, Augusto?  
— Não.  
— É uma bonita ilha.  
— Não vou.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa; mas bem escolhida.  
— Melhor para vocês.  
— No domingo à noite teremos um baile.  
— Estimo que se divirtam.  
— Minhas primas vão.  
— Não as conheço.  
— São bonitas.  
— Que me importa?... deixem-me. Vocês sabem o meu fraco, e caem-me logo com ele: moças!... moças!... confesso que dou o cavaco por elas, mas as moças me tem posto velho.  
— É porque ele não conhece tuas primas, disse Fabrício.  
— Ora... o que poderão ser senão demoninhas, como são todas as outras moças bonitas?  
— Então tuas primas são gentis?... perguntou Leopoldo a Felipe.  
— A mais velha, respondeu este, tem dezessete anos, chama-se Joana, tem cabelos negros, belos olhos da mesma cor, e é pálida.  
— Hein?... exclamou Augusto, pondo-se, de um pulo, duas braças longe do canapé onde estava deitado: — então ela é pálida?  
— A mais moça tem um ano de menos: loira, de olhos azuis, faces cor-de-rosa... seio de alabastro... dentes...  
— Como se chama?  
— Joaquina.

— Ai, meus pecados!... disse Augusto.  
— Vejam como o Augusto já está enternecido...  
— Mas, Felipe, tu já me disseste que tinhas uma irmã.  
— Sim, é uma moreninha de quatorze anos.  
— Moreninha? diabo!... exclamou outra vez Augusto, dando novo pulo.  
— Está sabido... Augusto não relaxa a patuscada.  
— É que este ano já tenho pagodeado meu *quantum satis*, e assim como vocês, também eu quero andar em dia com alguns Senhores, com quem nos é muito preciso estar de contas justas no mês de novembro.  
— Mas a pálida?... a loira?... a moreninha?..  
— Que interessante terceto! exclamou com tom teatral Augusto; que coleção de belos tipos!... uma jovem de dezessete anos pálida... romântica e, portanto, sublime; uma outra loira... de olhos azuis... faces cor-de-rosa... e..., não sei que mais, enfim clássica; e por isso bela. — Por último uma terceira de quatorze anos... moreninha, que ou seja romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de, por força, ser interessante, travessa e engraçada; e por consequência qualquer das três, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minh'alma peteca, de meu coração pitorra!... — Está tratado... não há remédio... Felipe, vou visitar tua avó. Sim, é melhor passar os dois dias estudando alegremente nesses três interessantes volumes da grande obra da natureza do que gastar as horas, por exemplo, sobre um célebre Velpeau, que só ele faz por sua conta e risco

mais citações em cada página do que todos os meirinhos reunidos fizeram, fazem e hão de fazer pelo mundo.

— Bela consequência! é raciocínio o teu que faria inveja a um caloiro, disse Fabrício.

— Bem raciocinado... não tem dúvida, acudiu Felipe; então conto contigo, Augusto?

— Dou-te palavra... e mesmo porque eu devo visitar tua avó.

— Sim... já sei... isso dirás tu a ela.

— Mas vocês não têm reparado que Fabrício tornou-se amuado e pensativo, desde que se falou nas primas de Felipe?...

— Disseram-me que ele anda enrabichado com minha prima Joanhina.

— A pálida?... pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé-de-alferes com a loira.

— E tu, Augusto, quererás porventura requestar minha irmã?...

— É possível.

— E de qual gostarás mais: da pálida, da loira ou da moreninha?...

— Creio que gostarei principalmente de todas.

— Ei-lo aí com a sua mania.

— Augusto é incorrigível.

— Não, é romântico.

— Nem uma coisa nem outra... é um grandíssimo velhaco.